

# **FAMÍLIA E ESCOLA: RESSIGNIFICANDO O OLHAR DOCENTE**

## **FAMILY AND SCHOOL: RESIGNIFYING THE TEACHING**

### **PERSPECTIVE**

Denise Ramos de Lima<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo apresentar um estudo teórico e sistemático a partir de uma abordagem bibliográfica que se refere à relação dialógica entre família e escola. Na presente abordagem, família e escola possuem uma relação de paridade: de importância igualitária no que tange a vida escolar dos discentes. Por ser um estudo pautado em teorias e publicações acadêmicas e científicas o presente artigo se caracteriza como sendo um trabalho de natureza bibliográfica. Uma pergunta que pode (e deve) nortear o presente artigo científico da conta de questionar: como a família deve ser vista no âmbito das relações colaborativas entre a escola e aluno? Entre as principais constatações do artigo estão: há uma lacuna comunicativa quando o assunto é diálogo com as famílias; é crescente o número de famílias que não acompanham a vida escolar dos seus filhos; quando a família se insere na vida escolar do aluno esta vivência possibilita ganhos significativos; é urgente que a escola construa uma nova visão/concepção do papel da família dentro e fora do ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Família. Escola. Diálogo. Novos Olhares.

#### **ABSTRACT**

This article aims to present a theoretical and systematic study from a theoretical approach studies respective to the dialogical relationship between family and school. In the present theoretical approach, family and school have a relationship of parity: of equal importance with regard to the students' school life. Because it is a study based on theories and academic and scientific publications, this article is characterized as a work of a bibliographic nature. A question that can (and should) guide this scientific article from the account of questioning: how should the family be seen in the context of collaborative relationships in the school context? Among the main findings of the article are: there is a discrepancy when it comes to dialogue with families; a growing number of families are not keeping up with their children's school life; when the family is inserted in the student's school life, he experiences very significant gains; It is urgent that the school build a new vision/conception of the role of the family inside and outside the school environment.

**Keywords:** Family. School. Dialogue. New Conceptions.

---

<sup>1</sup>Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia (UNEB). Graduada em História pela Faculdade Liberdade - Educação E Tecnologia (FALIBER). Pós-Graduada Lato-Sensu em Língua Portuguesa pela Universidade Salgado Oliveira. Mestranda em Ciências da Educação pela Universidade Columbia de Assunção-Paraguai. E-mail: [limadenyse38@gmail.com](mailto:limadenyse38@gmail.com).

## 1. INTRODUÇÃO

O debate em torno da educação se mantém como um dos mais profundos e ricos em possibilidades de abordagens, concepções, teorias e reflexões. O fato é que mesmo sendo um dos assuntos mais explorados em todo o universo acadêmico, a cada dia o assunto vem ganhando mais notoriedade e importância para todos que estão envolvidos, direto ou indiretamente em torno dele. Não se sabe ao certo quando o debate educacional ganhou importância para o contexto brasileiro; mas Oliveira (2004, p. 946) aponta que as discussões mais relevantes são oriundas do contexto europeu: “No Brasil Colonial, vis a vis à modernidade européia, estabeleceu-se a herança cultural ibérica através da Igreja Católica com a chegada da Ordem dos Jesuítas em 1549”

Quando observado o nosso contexto, tem-se a chegada dos jesuítas, e de sua educação tradicional, como marco inicial de um modelo formal de educação: tradicional. Séculos se passaram e pouco, ou quase nada, mudou do ponto de vista da efetivação da educação brasileira. O ensino se voltou para o tradicional e dele pouco se depreendeu. Novas formas de educação (metodologias) até tiveram alguma contribuição mais nada profundo ou demasiadamente significativo. E a família? Inexistiu nesse processo. A relação era apenas triangular aluno, professor, livro e conteúdo - conforme confirma Araújo (2017, p.72) “no modelo tradicional a educação se voltava para três tríades: aluno, professor (detentor) de todo o conhecimento e o conteúdo”.

Lamentavelmente essa situação perdura até os dias de hoje, a família se distanciou da escola e até mesmo da vida escolar dos alunos. A escola além de ser responsável pela educação formal/escolar ainda foi incumbida de educar, no sentido de tornar a criança ciente de noções básicas de moral, ética e modos comportamentais. Ao transferir para a escola a função do ser família esta se afastou ainda mais de seu papel legal como responsável pelo desenvolvimento pleno do educando. Sendo assim, é plausível perguntar: qual o real papel da família na vida educacional do aluno?

## 2. MÉTODO

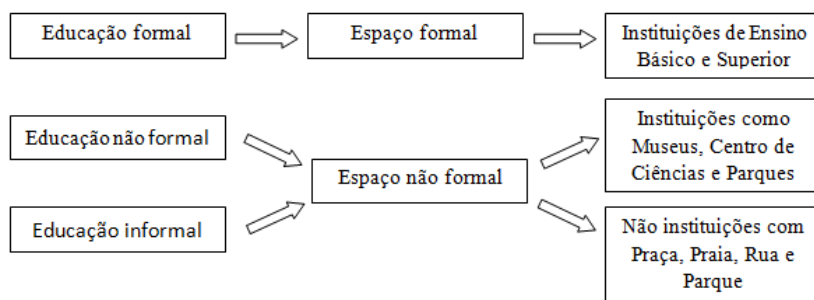
De acordo com Creswell (2010, p. 65), a pesquisa de natureza científica consiste em uma pesquisa planejada e construída de acordo com normas metodológicas vigentes que buscam o entendimento do problema de pesquisa proposto através de métodos. Assim sendo, o trabalho científico precisa estar devidamente fundamentado nas normas científicas e acadêmicas.

Lakatos & Marconi (2010, p. 79) explicam que o levantamento bibliográfico tem como objetivo possibilitar estudos e/ou análises posteriores que possam referenciar o desenvolvimento das problemáticas refletidas ao longo da pesquisa. O objetivo central é possibilitar o respaldo teórico para com as ideias e concepções do pesquisador.

Assim sendo, o estudo se caracteriza como sendo de natureza exploratória e bibliográfica Fachin (2003, p. 120) adentra enfatizando que “Entende-se que a pesquisa bibliográfica, em termos genéricos, é um conjunto de conhecimentos reunidos em obras de toda natureza. Tem como finalidade conduzir o leitor á pesquisa de determinado assunto, proporcionando o saber”. Ou seja, através desse artigo científico será possível mostrar algumas fundamentações sobre a importância da participação da família na vida escolar dos alunos.

### **3. ENTENDENDO A ESCOLA COMO MODELO DE EDUCAÇÃO**

A terminologia Educação Formal é de origem anglo-saxônica e passou a ser incorporada no nosso contexto na segunda metade do século XX, mais precisamente em 1960. Antes disso já havia todo um conjunto de vocábulos presentes nas escolas, a saber: escola, ensino, educação, planejamento, metodologia já eram bastante utilizados nos meios pedagógicos, acadêmicos e científicos (CASCAIS & TERÁN, 2011, p.29). Antes disso, a educação não era sistematicamente classificada como formal, não-formal e informal. Vale salientar que a educação formal se traduz como aquela advinda da escola, das faculdades, universidades e outros espaços plenos de construção do conhecimento. A definição de espaço formais e informais ocorreu de forma lógica: considerou-se a escola como expressão essencial para a vivência da educação formal enquanto os demais ambientes – sem este contexto – seriam informais. Marandino (2019, p. 133) evidencia: “assim, ações educativas escolares seriam formais e aquelas realizadas fora da escola não formais e informais”. Um dos principais entendimentos que se fazem interessantes introduzir neste artigo compreende ao fato de que a educação não se restringe aos espaços formais como algumas pessoas pensam, mas a educação também acontece fora desses ambientes. Santos *et al* (2017, p.458) concatena esses entendimentos e o esquematiza de forma didática, como se observa na imagem a seguir:



Em síntese é possível afirmar que a educação é entendida como a construção do saber em um espaço específico e planejado para esta finalidade. O autor supracitado exemplifica esse espaço através de instituições de ensino básico ou superior; já a educação fora deste ambiente o mesmo subdivide em duas: a Educação Não Formal e Educação Informal. Na primeira destas, o contexto se dá, entre outros, em museus, centros de ciências, parques enquanto na Educação Informal ocorre nos espaços não ligados essencialmente educacionais como praças, praias, nas ruas entre outros. Gohn (2006, p.31) corrobora: “Os resultados esperados para cada um dos três tipos de educação são: para a educação formal, a aprendizagem e a titulação; para a educação informal, os resultados acontecem a partir da visão do senso comum; porém, na educação não formal, há o desenvolvimento de vários processos.” Assim sendo, tanto a educação formal quanto a informal tem a sua contribuição para o desenvolvimento da criança.

A escola, como a conhecemos nos dias de hoje, foi sendo construída como um espaço para a promoção do conhecimento com foco nas pessoas mais jovens. Esse espaço de aprendizagem entre os séculos XV e XVI se configurou como um lugar de disseminação da cultura, de conhecimentos, disciplina, respeito, e sobretudo, erudição. Faz importante elucidar que apesar de “pública” a escola ainda era considerada como um privilégio de muito poucos afortunados. O viés ideológico que predominava nesses séculos era os advindos da Europa e de outros grandes centros urbanos ao logo do mundo.

Muitos autores nos lembram que na vanguarda das nossas escolas não estavam, nem de longe, as reais necessidades de conhecimento ou cultura – pelo contrário imperava a aculturação. Havia uma prevalência dos ideais iluministas que haviam sido disseminados no continente europeu e agora se estendia por outras localizações em torno do globo. O fato é que é que coube a escola o papel de dosar os graus ditos aceitáveis de liberdade, civilidade, racionalidade e demais processos elitistas.

Em síntese, podemos dividir o processo de evolução da escola em três etapas e/ou períodos: *1ª República*: consistiu no período no qual foram criados grupos escolares e

surgiram diferentes correntes pedagógicas. Foram várias correntes que buscaram ganhar notoriedade; no entanto, destacam-se três delas “Pedagogia Tradicional” (focada no professor e a detenção do conhecimento pelo professor, muito apoiada pelas oligarquias e pela igreja Católica), *Pedagogia Libertária* (possuía como fundamento a ciência e partia da resolução dos problemas inerentes a sociedade brasileira) e *Escola Nova* (com um ideal mais revolucionário tinha a educação como democrática e participativa levando na qual o aluno é o centro do processo de aprendizagem (CERQUEIRA ET AL 2012, p. 15).

Entre os anos de 1931 e 1960 outras grandes revoluções ocorreram no processo evolucionário das escolas em especial houve a regulamentação das escolas primárias e secundárias ao tempo que houve uma popularização do acesso às escolas em todo território nacional. Por fim, após 1961<sup>2</sup> deu-se um grande e importante salto no que tange a regulamentação da educação com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que algumas décadas após passaria a ser implementada o que ocorreu em 20 de dezembro de 1996

#### **4. A HISTORICIDADE DA FAMÍLIA ESUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO EDUCACIONAL**

Pais, mães, filhos, avós, avôs, tios, tias, netos, bisnetos... essa composição é entendida como a mais clássica de que se tem notícia. A literatura, em especial a sociologia, não dá conta de explicar quando emergiram os primeiros conceitos de família. Noronha e Parron (2019), por sua vez, evidenciam: “a origem da família está diretamente ligada à história da civilização, uma vez que surgiu como um fenômeno natural, fruto da necessidade do ser humano em estabelecer relações afetivas de forma estável” portanto, a constituição de família não está temporalmente aclarada, mas parte dos tempos mais tênues de que se tem notícia.

Na contramão da temporalidade dos fatos, há-se uma unanimidade dos estudiosos que as primeiras concepções de família de que se têm notícias vem do modelo mais patriarcal, logo tradicional<sup>3</sup>. No entanto, é imprescindível que se registre que foi com o advento da Igreja

---

<sup>2</sup>No intuito de oferecer uma educação igualitária como direito de todos foi proposto pelo então Ministro da Educação Clemente Mariani o Projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que resultou, após longo processo de tramitação, na primeira Lei de Diretrizes e Bases nº 4.024/61, sancionada em 20 de dezembro de 1961. Esta foi modificada por emendas e artigos, sendo reformada pelas leis 5.540/68, 5.692/71 e posteriormente, substituída pela LDB 9.394/96 (CERQUEIRA ET AL 2012).

<sup>3</sup>Tradicionalmente, a família tem sido definida como agrupamento de pessoas unidas por meio do matrimônio (ou da convivência conjugal), construindo laços de parentesco através da consanguinidade e da adoção, com função reprodutiva (da família e da herança: cultural, patrimonial, moral entre outros), econômica (de produção e consumo), de proteção, educação e socialização (CAPUTI, p. 01, 2011).

Católica Apostólica Romana que “cunhou-se” um modelo<sup>4</sup> de família. Por ser uma das, senão a mais, religiões mais antigas de todos os tempos, foi na igreja católica que o matrimônio foi concebido como sendo uma convenção social e moral imbuída de significantes e significados. Por séculos não se ousou pensar em uma concepção que não fosse a tradicional de família, entende-se por tradicional o modelo familiar composto por um homem, uma mulher e filhos. A figura central e inquestionável era o homem<sup>5</sup>Siebert (2010, p.10) contextualiza:

As relações de gênero se estabelecem dentro de um sistema hierárquico que dá lugar a relações de poder, nas quais o masculino não é unicamente diferente do feminino. Esta diferença de poder torna possível a ordenação da existência em função do masculino, em que a hegemonia se traduz em um consenso generalizado a respeito da importância e supremacia da esfera masculina.

A figura do homem foi indexada com a ideia de autoridade e supremacia nas relações familiares, a mulher – sem importância para a época – se detinha apenas para a função de ter filhos, cuidar do lar e do marido. Por muito tempo não se pensou um outro formato ou entendimento para a relação patriarcal. O homem, por muito tempo também foi visto como o único provedor do sustento do lar, das crianças e da resolução dos problemas que faziam parte do cotidiano das famílias. Araujo (2011, p. 33) completa: “Não só com a mulher, mas também com os filhos, os homens tinham uma relação pautada na autoridade e quase nunca demonstravam afeto aos mesmos. Ao longo dos tempos, o homem foi percebendo que ter uma boa relação com os filhos é bastante positivo, para ambas as partes”.

Ao longo do tempo, poucas coisas mudaram no que se refere a visão tradicional de homem: o forte, o provedor, o resoluto aquele que muitas vezes se julga superior a mulher. Muito dessas concepções até mesmo machistas são datadas dos primeiros séculos, onde a mulher não tinha nenhuma importância e/ou papel das relações sociais. A família moderna, final do século XVIII e século XIX, tinha papéis claramente definidos. A mulher assumia o lugar da boa mãe, dedicada em tempo integral, responsável pelo espaço privado, ou seja, o cuidado da casa, dos filhos e do marido. Ao homem, cabia o espaço público da produção, das grandes decisões e do poder.

Com todas essas concepções especificidades acerca da família, boa parte de sua responsabilidade (ou papel) foi transferida para a escola que passou ser cobrada pela educação

---

<sup>4</sup>A família romana era formada por um conjunto de pessoas e coisas que estavam submetidas a um chefe: o pater famílias. Esta sociedade primitiva era conhecida como a família patriarcal que reunia todos os seus membros em função do culto religioso, para fins políticos e econômicos. (NORONHA & PARRON,2019)

<sup>5</sup> Segundo Santo Tomás de Aquino o homem possui as estruturas metafísicas de potência e ato, essência e existência. É também composto de matéria e forma como Aristóteles já havia dito, o que não impede sua unidade substancial (AQUINO, 2004, P. 13)

não apenas escolar [essa sim de direito], mas também pela educação moral, cívica e de demais valores que perpassam pela escola, mas que são funções essencialmente da família. O fato é que a família e a escola terminaram por ter seus papéis indexados, ou seja, fundidos sem uma delimitação plena das competências e habilidades de cada um. Não o bastante, muitas famílias simplesmente abdicaram de participar da vida escolar da criança e estas seguem sem ter o menor acompanhamento por parte da família o que traz severos danos a todos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, e sobretudo, para a criança.

Independente de qual fase histórica, filosófica ou social a família sempre foi tida como verdadeiramente importante para o fomento da aprendizagem. Historicamente falando, era no seio das próprias famílias, normalmente afortunadas, que as pessoas eram educadas. Além de ler e escrever, estuda-se literatura, moda, culinária e outras peculiaridades voltadas para o dia a dia e para a constituição do ser mulher; aos homens normalmente viajavam para grandes centros urbanos e até mesmo outros países para estudar medicina, direito ou engenharia.

Em tempos mais recente, pós século XX especialmente, houve uma “popularização” da educação e a família coube a função de zelar pela vida escolar das crianças. Aos poucos a família foi ganhando importância frente ao papel de mediação entre a educação e o aluno. Muito tradicional a educação basicamente se resumia ao ensino das belas artes e das línguas. Havia um maior acompanhamento por parte dos pais, em especial a da mãe, que tinha essa função como parte de suas responsabilidades mais cotidianas. Não se sabe ao certo a partir de qual momento que a família começou a distanciar da educação dos filhos e abriu-se uma lacuna enorme entre o que os filhos fazem nas escolas e a responsabilidades de todos os entes da família, independente de seu formato ou de sua concepção.

## **5. NOVOS CONCEITOS E CONCEPÇÕES DE FAMÍLIAS**

Com o advento do século XXI outras concepções<sup>6</sup> e famílias passaram a ser aceitas não apenas no meio social, mas também no universo jurídico. É importante frisar o que o novo em nada tornou o modelo tradicional de família obsoleto. Deprendendo da linguagem dialética as novas concepções de famílias em nada diminuíram o modelo milenar de família como todos nós conhecemos. No entanto, esse modelo foi aprofundado e (re) significado a ponto de passarmos a considerar. Num passado recente não se podia conceber uma família formada por

---

<sup>6</sup>As definições de família são insuficientes para dar conta de toda a sua complexidade e particularidades atuais, levando a uma diversidade de conceitos. (CAPUTI, 2011, p. 01).

apenas dois integrantes sendo que uma das partes é a prole enquanto a outra é genitor [ou mesmo tutor].

O modelo de família segundo Vitale (2002, p. 46) monoparentais são aquelas em que vive um único progenitor com o/s filho/s que não são ainda adultos. Em sua esmagadora maioria estão as famílias lideradas por mulheres<sup>7</sup>(IBGE, 2023). Tem-se dessa forma uma família completa formada por apenas dois membros. Tão pouco fora imaginado que oriundo da união de duas pessoas do mesmo sexo poderia emergir uma família com direitos e deveres alinhados aos dos demais modelos de família. Trata-se da família homoafetiva.

Antes mesmos de nos aprofundarmos nos conceitos de famílias já abordados anteriormente vale apenas ressaltar que assim como as línguas estas são elementos vivos e partes integrantes da cultura de todo um povo, estes mesmos conceitos podem, ou não, ser aceitos como verdadeiramente definitivos a depender do contexto sociocultural no qual o mesmo está sendo inserido. Transcendendo o senso comum há muitas outras formas e concepções de famílias que vão além dos já elucidados até este ponto conforme Caputi (2011, p. 04) elenca a seguir:

1. Família Nuclear: inclui duas gerações com filhos biológicos;
2. Família extensa: inclui 3 ou 4 gerações (avós, netos, filhos, pais ....).
3. Famílias adotivas, que podem ser bi-raciais e/ou multiculturais;
4. Família homoafetivas: compostas por parceiros do mesmo sexo com ou sem filhos/as.
5. Famílias reconstituídas depois do divórcio;
6. Famílias monoparentais: chefiadas por pai ou mãe;
7. Família mononuclear: inclui apenas uma geração com filhos biológicos.
8. Famílias alternativas: o objetivo é buscar novas formas de convivência, compartilhando as despesas, o consumo etc. Exemplo: comunidades hippies, repúblicas.
9. Famílias Fraternalis aquelas em que não há relacionamento sexual entre os adultos. Há uma relação fraterna.
10. Casais.
11. Outras

Seguindo a ordem apresentada logo acima começamos a reflexão pela *família nuclear* no qual há a presença de duas gerações dotadas de filhos biológicos; *família extensa*: trata-se daquela populosa no qual é possível observar toda uma organização genealógica; *família adotiva*: diz respeito aquela que foi instituída não de forma biológica, mas juridicamente concebida; *família homoafetiva*: composta da união de duas pessoas do mesmo sexo, podendo ser dois homens ou duas mulheres; *família reconstituída*: ganhou um novo formato após a

---

<sup>7</sup>De acordo com os últimos dados disponíveis em julho de 2023, coletados em 2010, são 9.253.937 mulheres que declaram chefes de família sem a presença da figura masculina enquanto os homens como únicos responsáveis pela família são 1.165.312 de um total de 49.975.934 famílias. Censo (2023).



separação dos cônjuges; *famílias monoparentais*: é aquela que o homem ou a mulher chefia o lar sem a presença do outro; *famílias alternativas*: nascidas de outros vínculos duradouros com culturas e comunidades que possuem o mesmo ideias quem se integra; *família mononuclear*: possui apenas uma geração de filhos; *família fraternal*: aquela que convive sem haver nenhum contato além do social; casais: famílias sem a presença de prole.

## 6. AUSÊNCIA DA FAMÍLIA E OS PROBLEMAS SURGIDOS NA ESCOLA

. Um dos mais importantes questionamentos que podemos fazer na atualidade, diz respeito a saber qual a concepção que a família tem a respeito do seu papel no processo educacional dos seus filhos. Num passado não muito distante, uma ou duas décadas atrás apenas, a presença dos pais era constante nas reuniões de “pais e mestres” no suporte pedagógico família, na leitura dos avisos escritos nas agendinhas das crianças e principalmente no acompanhamento das atividades e dos pertences trazidos pelos alunos para as escolas.

Nos últimos anos, vem sendo cada vez mais frequente incidentes envolvendo menores de idade que levam para a escola armas de diversas naturezas desde armas brancas até mesmo armas de fogo. A violência<sup>8</sup> em suas diversas formas tem sido uma constante frente ao aumento do abandono dos pais e a evasão escolar. Em tempos de inquietação e aumento da violência na sociedade brasileira, o uso das armas de fogo para “resolver” brigas e conflitos vem se tornando frequente no ambiente escolar.

O fato das armas - de fogo ou não – estarem generalizadamente associadas às ocorrências violentas nas escolas contribui para disseminar o sentimento de insegurança e para naturalizar o seu porte, assim como para justificar a sua adoção como instrumento de defesa. Em outras palavras, mesmo que as armas de fogo não assumam uma predominância absoluta, assusta a sua presença na escola, assim como os percentuais mais elevados, relativa às outras. (ABRAMOVAY, 2003, p. 256)

Não há dados oficiais sobre a ocorrência de armas de fogo mas sabe-se que corriqueiramente se tornou comum nos meios de comunicação de massa e nas redes sociais notícias que trazem em seu conteúdo crianças e adolescentes que se envolveram em situações graves que resultaram em assassinatos de colegas de classe, funcionários e até mesmo professores. Essa tônica só se acentuou porque os pais deixarem de zelar pelos pertences dos

---

<sup>8</sup> (1) violência contra a pessoa, expressa verbal ou fisicamente: as ameaças, as brigas, a violência sexual, a coerção mediante o uso de armas; (2) violência contra a propriedade: furtos, roubos e assaltos; (3) violência contra o patrimônio, especificamente o vandalismo e a depredação das instalações escolares. Cada uma dessas categorias envolve práticas descritas detalhadamente, assim como praticantes e vítimas. (ABRAMOVAY, 2003, p. 232).

filhos e com o passar dos anos o diálogo está sendo cada mais encurtado. Sem diálogo não há como uma mãe ou um pai intervir de forma eficiente e preventiva pois pouco ou nada estes sabem sobre o que seus filhos fazem no privado.

No dia a dia da escola também é crescente o abandono dos alunos que normalmente são problemáticos diariamente; os responsáveis quase nunca frequentam a vida escolar dos alunos e mesmo quando são notificados pela escola ou se recusam a comparecer ou simplesmente ignoram a convocação pois sabem que certamente virão cobranças e/ou reclamações advindas da escola. Curiosamente esses mesmos pais quando são convocados a levar alguma declaração para fins de cadastramento de seus programas sociais comparecem a unidade escolar em tempo hábil para usufruir do benefício social. Lamentavelmente esses mesmos alunos quase sempre se sentem como um corpo estranho no ambiente escolar, conforme se pode observar no relato que se segue através das contribuições de Severo (2017, p. 109):

A: Essa escola não é pra mim! Nada aqui me interessa!

P: Como assim? Por que nada te interessa?

A: Aqui nada pode fazer! Não pode conversar, tem que só ouvir os professores falarem horas. Não dá pra escutar música, nem mexer no celular! Bah! sem chance!

P: Tá! E os amigos?

A: Ah! Ai sim, mas só tem o recreio e “elas” (fazendo referência às monitoras e vice-diretora) tão sempre cuidando, se a gente tá escutando um funkzinho mais pegado elas vêm pra cima do cara, não dão uma liberdade. (aluno da escola estadual, 17anos) (SEVERO, 2017, p. 109).

Barbosa (2021, p. 21) faz um importante trabalho teórico e exploratório sobre como os pais vem deixando de frequentar o ambiente escolar, sendo cada vez maior o aumento da infrequência escolar, abandono, “gazeamento<sup>9</sup>” e até mesmo alunos que sabem de suas casas e não chegam as dependências da escola e confirma: “[...] os pais participam minimamente na vida escolar dos filhos e somente comparecem à escola quando são chamados pela direção. Nesta realidade, a ausência da família influencia amplamente no contexto de violência”.

## **7. FAMÍLIA E ESCOLA: RESSIGNIFICANDO O OLHAR DOCENTE**

Sem dúvida quando existe a parceria entre família e a escola há-se um ganho extraordinário quando assunto é a vida escolar dos alunos. Muitas vezes se tem a ideia que a educação “correta” é a que vem da escola; mas é urgente que todos os sujeitos tenham claro que essa relação é de colaboração. O cismar entre a família e a escola, muitas vezes ocorre

---

<sup>9</sup> Trata-se de uma prática que ocorre na escola onde os alunos está nas dependências da escola, mas se recusa a ir para dentro da sala de aula.

porque a família acredita que suas demandas não são entendidas pela escola e dessa forma acha melhor ignorar a instância escolar como sendo um logótipo no qual o futuro do seu filho está sendo efetivamente construído.

Uma das muitas formas de tentar solucionar esse problema é conscientizar os pais de que sem estes a educação de seus filhos será precária e que a educação não se limita apenas as paredes da escola, mas também aos espaços não-formais e sobretudo ao ambiente escolar. No que tange a gestão escolar, esta deve ser a mais democrática possível ter sempre um olhar amoroso e acolhedor e não discriminatório e/ou repressor. Muitas vezes os próprios pais são “vítimas” de outras situações passadas nas quais também foram abandonadas pelos seus pais ou que cresceram sem ao menos frequentar uma escola. É difícil ocupar um lugar de fala na qual a pessoa nunca esteve. Trata-se de um ciclo vicioso que se repete de geração em geração e nunca é corrigido.

Em todo esse processo de inclusão, exclusão, abandono, mágoas, sentimentos de inferioridade e discriminação social o professor através de seu olhar pode contribuir diretamente para uma melhoria de todas essas mazelas que envolvem a relação escola, aluno, professor, gestão e família. Grande parte de todos esses problemas podem ser superados através de um novo olhar do professor: um olhar mais humano, um olhar capaz de se colocar no lugar do outro, de ser empático e solidário. (JÚNIOR, 2010, p. 01).

[...] implica em mudança de concepção do próprio trabalho pedagógico, muitas vezes conservador, centrado em relações autoritárias, na reprodução e manutenção do conhecimento acrítico e deslocado da realidade e em métodos positivistas-racionalistas. (FONSECA, 2008, p11).

Muitas vezes esse novo olhar significa (re)avaliar a prática docente: olhar para dentro de si e se perguntar o que eu faço para fazer a diferença na vida daqueles alunos e alunas que já foram desacreditados por praticamente todos os sujeitos da sociedade? Como o próprio autor supracitado afirma “implica em mudança de concepção do próprio trabalho pedagógico” é recalculando a rota do nosso papel enquanto professoras e professores e pensar quais estratégias podemos utilizar para resgatar esse aluno e até mesmo a sua família.

Uma das formas que podem (e devem, ser implementadas no cotidiano escolar é a criação de um mecanismo de acompanhamento da vida escolar dos alunos, seja através de grupos de *WhatsApp*, *Telegram*, reuniões periódicas e inserção da família no ambiente escolar. Lugar de criança [e de sua família] é na escola. A escola precisa se abrir para o novo, a escola precisa trazer para dentro de seus muros as famílias a busca ativa que tanto se fala na

educação deve ser feita também para encontrar o pai e mãe que não mais frequenta a vida da criança.

É fato notório que aos professores já cabem uma infinidade de atividades, mas esse novo olhar vai no sentido de dizer que uma vez a família presente na vida da escola os resultados melhorar satisfatoriamente e todo processo de ensino e aprendizagem flui corretamente. No entanto, faz-se necessário que o professor consiga dialogar consigo mesmo e com sua prática novas formas de vê o outro e conceber uma metodologia mais inclusiva e verdadeiramente pautada na pedagogia do amor.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A educação contemporânea se vê imersa em uma série de situações que tornam o fazer docente desafiador. O contexto no qual nossos alunos estão inseridos não é nem de longe o mais favorável e cabe ao professor sanar tais dificuldades e desempenhar, na medida do possível, um papel pedagógico de excelência. Ao longo de todas as discussões estabelecidas ao longo do presente artigo científico foi possível chegar a algumas e importantes conclusões, a saber:

Os alunos que hoje frequentam as aulas nas escolas públicas e privadas, com ênfase no primeiro, chegam as salas de aulas desmotivados, desacreditados e até mesmo sem obrigados pelos pais a participarem das aulas cotidianas. Nitidamente nota-se que as salas de aulas se subdividem em duas: aquelas que os pais são presentes no dia a dia e acompanham toda e qualquer atividade e a outra metade que os pais só vão às escolas um ou duas vezes em todo ano letivo. Nesse intento, muitos autores apontaram que o acompanhamento dos alunos é de suma importância para o sucesso da vida escolar dos alunos; e depreendendo dessa ideia, aqueles pais que em nada contribuem para a vida escolar de seus filhos normalmente apresenta situações diversas que praticamente inviabilizam o processo de ensino e aprendizagem.

A família, por sua vez, grosso modo, se absteve da vida escolar dos alunos; normalmente durante as reuniões entre a família e a escola estes pais chegam atrasados, com mais de um filho para acompanhar as reuniões e uma sequência enorme de outras atividades para fazer antes mesmo de voltar para o trabalho (quando este o tem). Essas famílias, apontaram os teóricos, não acompanham as atividades escolares, as mochilas ou mesmos as comunicações oficiais e extraoficiais enviadas pela escola no intuito de trazer alguma responsabilidade para os pais. Frente a essa lamentável situação quase não sobre nenhum

espaço para a comunicação, para a conversa, para o emparedamento de ideais e feedbacks por parte da equipe escolar: o diálogo entre a família e a escola é demasiadamente prejudicado, quando não inexistente.

Uma possível solução que foi apontada ao longo do respaldo teórico veio no sentido de dizer que é preciso que o professor tenha um olhar mais voltado para as mazelas sociais e emocionais da família – que vai muito além de uma criança que frequenta a escola. É preciso que a prática docente, a metodologia, a didática seja voltada para o resgate e para a construção de mecanismos de comunicação que possam ajudar a dirimir as lacunas comunicacionais entre a escola e a família. Em síntese, concluiu-se que educação é processo composto por diferentes agentes. Não existe aluno sem escola tão pouco escola sem suporte familiar. Se a família se insere na vida escolar de seus filhos, fazendo aquilo que lhe está ao alcance de suas mãos todos saem ganhando nessa missão tão nobre e transformadora que é a educação.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2003.

ARAUJO, Danilo Alves de. **O ensino da língua portuguesa nas escolas estaduais da cidade de Paulo Afonso/BA-Brasil: convergências e diferenças entre os documentos oficiais e as práticas dos docentes**. Tese de Doutorado. Universidade Nacional de Rosário. Argentina. 2017.

BARBOSA, Jean Carmo. **A violência escolar: diagnóstico e propostas de solução**. São Paulo: Ática. 2021

CARLOTO, Cássia Maria. O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais. Serviço Social em Revista. Londrina: UEL. v.3. n. 2. 2001.

CASCAIS, Maria das graças; TERÁN, Augusto Fachín. **Educação Formal, informal e não formal na educação em ciências**. Universidade Federal do Amazonas. 2011

CAPUTI, Lesliane. **Família contemporânea: uma instituição social de difícil definição**. Universidad de Habana. 2011.

CERQUEIRA, Aliana Georgia Carvalho; CERQUEIR, Aline Carvalho; SOUZA, Thiago Cavalcante de; MENDES, Patrícia Adorno. **A trajetória da ldb: um olhar crítico frente à realidade brasileira**. Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. 2012.

CRESWELL, JOHN W. **projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**; tradução magdalopes. – 3 ed. – PORTO ALEGRE: ARTMED, 296 páginas, 2010.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

FONSECA, DM. **A pedagogia científica de Bachelard**. *EducPesqui*. 2008;34(2):361-70.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Rio de Janeiro. 2006.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censos 2023. Inovações e impactos nos sistemas de informações estatísticas e geográficas do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

JUNIOR, Valter Carabetta. **Rever, Pensar e (Re)significar: a Importância da Reflexão sobre a Prática na Profissão Docente.** Universidade de Santo Amaro, São Paulo, SP, Brasil. 2010.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARANDINO, Martha, **Ensino de biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos.** São Paulo: Cortez, 2009.

OLIVEIRA, Marcos Marques de. **As Origens da Educação no Brasil:** Da hegemonia católica às primeiras tentativas de organização do ensino. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.12, n.45, p. 945-958, out./dez. 2004

NORONHA, MaressaMaelly Soares; PARRON, Stênio Ferreira. **A evolução do conceito de família.** a Faculdade de Ciências Contábeis de Nova Andradina – FACINAN. 2019

SANTO TOMAS DE AQUINO, Suma contra losGentiles, Editorial Porrúa, México, 2004

SANTOS, Fernanda Ferreira dos; PEDROSA, Letícia Leonardi; AIRES, Joanez Aparecida. **Contribuições da Educação Não Formal para Educação Formal:** Um Estudo de Visitas de Alunos da Educação Básica ao Departamento de Química da UFPR. 2017.

SEVERO, Rita Cristina Basso. **Nuances: estudos sobre Educação.** Presidente Prudente-SP, v. 28, n. 3, p. 99-114, Set/Dez, 2017. ISSN: 2236-0441 DOI: 10.14572/nuances.v28i3.3456. 2017.

SIEBERT. Bruna Roberta de castro. Um estudo sobre a violência contra a mulher: Uma das faces das expressões da questão social atendida pelo município de Matinhos-Pr.. 2010.

VITALE, M.A.F. **Famílias Monoparentais: indagações.** In: Revista Serviço Social e Sociedade n. 71 “Famílias”. Ano XXIII. São Paulo: Cortez, 2002 (pag. 45-62).